

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA**  
**INSTITUTO A VIA**

**FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA**

**JEFFERSON BATISTA DOS SANTOS**

**A EPISTEMOLOGIA E A METAPSIKOLOGIA NA OBRA: A INTERPRETAÇÃO**  
**DOSSONHOS**

**SALVADOR**

**2023**

# A EPISTEMOLOGIA E A METAPSIKOLOGIA DA OBRA A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Jefferson Batista dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO** – Este presente artigo tem como objetivo abordar os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud, em sua obra: “A Interpretação dos Sonhos”. Refere-se a um conhecimento teórico, levando em conta, os conceitos históricos anteriores acerca da natureza dos sonhos, e de como Freud pavimentou caminhos para a sustentação de suas afirmações, como as desenvolveu, ainda que fossem completamente opostas no tocante ao viés filosófico, religioso/místico sobre o conteúdo dos sonhos. Este artigo também abordará de forma bem sucinta as teorias de organização do funcionamento psíquico desenvolvidas por Freud, assim como as estruturas que contemplam os sonhos. E finalizando será apresentado a extraordinária contribuição que a obra: A Interpretação dos Sonhos, deu no campo das ciências. Além das contribuições para a teoria e clínica psicanalítica, que sem dúvidas foi um marco, no que se trata o acesso do até então desconhecido e inacessível inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia, Interpretação. Sonhos, Metapsicologia.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos o conteúdo e significado dos sonhos teve um papel importante para as civilizações antigas, o que se perdura até nossos dias. O que é notado, na verdade, é como essas manifestações se davam, como o seu significado era relacionado a uma influência divina, em forma de: estado de êxtase, premonição ou revelação. Um dos exemplos mais emblemáticos está no sonho de Faraó do Egito, interpretado por José, relatado no livro do Gênesis (WATCH TOWER, 2015).

Entre os sábios da antiguidade podemos citar o filósofo Platão, que viveu no século IV, Platão (2001), acreditava na divindade dos sonhos, ele atribuía os sonhos aos deuses e sua função era avisar os humanos sobre o que aconteceria no futuro. Em Aristóteles, (FERREIRA, 2021) essa crença começou a desaparecer, este argumentava que até mesmo animais sonham – uma vez que tanto os homens quanto os animais possuíam uma alma -, então os sonhos não poderiam ser divinos.

---

<sup>1</sup> Administrador, matriculado no Curso de Psicanálise Clínica no Instituto Superior de Psicanálise Instituto AVIA.

Ao longo dos tempos, o significado dos sonhos passou a possuir um padrão comum, tendo cada imagem, (símbolo, arquétipo), seu significado particular.

A partir de 1900, Freud, inaugura uma obra revolucionária: “A Interpretação dos Sonhos”. Por meio dela, Sigmund Freud explica sobre a origem dos sonhos, a temporalidade no passado, formação por meio de um sistema psíquico e como o sonho se dá, de modo a realizar o desejo do sonhador.

Entretanto é perceptível algumas problemáticas sobre tais inferências: O que de fato é o sonho? O que acontece em si no trabalho dos sonhos? Como os sonhos angustiantes seriam a realização de um desejo?

Freud, se debruçou sobre esses e outros questionamentos, até encontrar respostas através do desenvolvimento teórico do trabalho que acontece nos sonhos, por meio do aparelho psíquico. Este seria formado por instâncias; a experiência clínica através da observação do sonho da injeção de Irma, sonhado pelo próprio Freud na madrugada de 23 de julho de 1895, este foi de fundamental importância para embasamento nesse contexto.

O mais interessante foi que, através de seu próprio sonho, (inaugural), Freud, descobre elementos ameaçadores, ao tal desejo do sonhador, após submetê-lo, a interpretação aplicada na época.

Portanto esse artigo tem como propósito, um estudo teórico, de forma a descrever a análise crítica dos princípios, hipóteses e resultados, para determinar os fundamentos lógicos freudianos, sobre o trabalho dos sonhos e seus componentes: conteúdo latente e manifesto; condensação, deslocamento, figurabilidade, inversão; registros mnêmicos; que desembocam nos sistemas psíquicos: consciente, pré-consciente e inconsciente. A sua importância para a (Epistemologia e metapsicologia), teoria e clínica psicanalítica, que gerou à humanidade uma outra ótica sobre concepção dos sonhos, inclusive, uma visão científica, que considerou as instâncias psíquicas que influenciam nossas ações, pensamentos, sentimentos.

Com esse achado, surge a hipótese de um indivíduo psiquicamente adoecido, ter a probabilidade de uma vida mais saudável.

## 2 O CONCEITO CULTURAL E HISTÓRICO DOS SONHOS

As culturas antigas seguiam um certo padrão para o trabalho dos sonhos, geralmente seguindo duas vertentes: a de que seria uma dádiva das divindades para com a humanidade ou a ira dos deuses sobre esses.

Conforme o dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (1967), o termo sonho vem do grego **ὄναρ** (*onar*), significando para o Antigo testamento, e grego arcaico, que os sonhos seriam recados de Deus, ou deuses, principalmente os recebidos por, oráculos, profetas, magos reis e sacerdotes.

Nesse contexto, no Egito antigo, os sonhos pontuavam uma zona de coalizão entre a homem e o além. As visões e os sonhos estabeleciam um meio das deidades se apresentarem aos humanos. Temos como exemplo o Faraó Djehutimés (Thotmes IV, da 18ª dinastia (1391-1401 a.C). Quando o deus solar representado pela esfinge lhe aparece em sonho, lhe jurando o reinado e outras dádivas:

Contempla-me, olha-me, o meu filho Djehutimes! Eu sou teu pai, Hórus no horizon-te-Khepri-Re-Atum. Eu te darei a realeza sobre a terra, a frente dos vivos. Tu usaras a Coroa Branca e a Coroa Vermelha, no trono de Geb, príncipe [dos deuses]. Tua será a terra, em seu comprimento e em sua largura, a totalidade daquilo que ilumina o Olho do Senhor de Tudo. Tu serás o guardião da subsistência que provem do solo, receberas abundantemente tributo de todos os países estrangeiros, e a duração de tua vida será rica em anos. (CUMMING, 1984, p. 247).

Já na idade média Schmitt (1997), sob o poder da igreja católica, os sonhos geralmente eram interpretados como da parte de bruxaria ou demoníacos, tornando-os inaceitáveis em sua adivinhação ou interpretação, pois suas possíveis interpretações seriam blasfêmias à Deus, uma vez que, só ele pertence a resposta dos acontecimentos futuro.

Quanto aos filósofos da época, eram contrários ao pensamento da religião, segundo Roudinesco e Plon (1988), os filósofos consideravam a atitude onírica insensata, semelhante a dos desvairados:

A atividade onírica foi depreciada por René Descartes (1596-1650), que a mencionou para invalidar o depoimento dos sentidos em matéria de

estabelecimento da realidade. Ao contrário, Baruch Spinoza (1632-1677) atribuiu ao sonho um lugar específico. Na *Ética*, negando que a suspensão do juízo possa ser considerada um efeito de nossa livre vontade, Spinoza explica que temos repetidamente a experiência desse limite em nossos sonhos. “Não creio que exista nenhum homem”, esclarece ele, “que, durante seu sonho, pense ter o livre poder de suspender seu juízo sobre aquilo com que está sonhando, e de se fazer não sonhar com aquilo com que está sonhando; e, no entanto, mesmo nos sonhos, sucede-nos suspender nosso juízo quando sonhamos que estamos sonhando.” (ROUDINESCO; PLON, 1988, p.723).

Segundo Roudinesco e Plon (1988), o sonho deve ser rejeitado enquanto atividade racional e entendido apenas como preocupações, sistemas e teorias. Argumentação essa, reconhecidas por Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche. Porém, com o declínio do romantismo e a ascensão do positivismo, bane o sonho como produto da atividade cerebral do escasso de qualquer sentido.

Com as pesquisas de Alfred Maury e Karl Albert Scherner, Freud (1996) se imbuíu em estudar os sonhos como atividade psíquica, divorcando os conceitos até então.

### **3 A EPISTEMOLOGIA E METAPSIKOLOGIA FREUDIANA DOS SONHOS**

O termo epistemologia tem como cerne a ideia de ciência do saber humano, uma construção sistemática que parte de um princípio, etapas de trabalho para estabelecer o saber, mediante a relação entre um sujeito indagativo e um objeto inerte.

Até antes de 1900, os sonhos eram tratados como acontecimentos temporais, e que tinham um efeito visionário de acontecimentos futuros ou a ira dos deuses sobre o homem, mediante condutas pecaminosas.

Em 1900, Freud oficializou sua obra “A Interpretação dos Sonhos”. Onde ele descreveu em seus estudos, precisamente a importância do trabalho dos sonhos, na utilização no processo analítico. Freud faz questão de retirar a temática de crenças culturais e religiosas, que no senso comum “linkavam” os sonhos a experiências premonitória e sobrenaturais oriundas da antiguidade. Conforme trecho abaixo citado abaixo:

Até onde sabemos, todos os povos da Antiguidade atribuíam grande importância aos sonhos e pensavam que estes podiam ser usados para fins

práticos. Deduziam a partir deles sinais para ler o futuro e neles procuravam os angúrios. Para os gregos e para outros povos orientais pode ter havido época em que as campanhas militares sem interpretadores de sonhos pareciam tão impossíveis, como nos dias atuais pareceria impossível uma campanha sem reconhecimento aéreo. (FREUD, 1915,1916, p.91).

Em Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, especifica os sonhos no aparelho psíquico, assim o conceituando “os sonhos parecem ser um estado intermediário entre o sono e a vigília” (FREUD, 1915,1916, p.94). Para sonharmos é preciso estar em condições biológicas e mentais adequadas, (estado REM), de modo que haja um relaxamento do peso de estímulos diários.

Todavia, uma pergunta fomenta a busca por explicar os sonhos: “Por que a vida mental não consegue dormir?” (FREUD, 1915,1916, p.95), enfim, por que sonhamos? Porventura, existe algo que está em atividade retroalimentada, através da experiência psíquica, do mundo simbólico em conflito com o real.

Ao perceber a necessidade que seus pacientes tinham em contar seus sonhos, Freud focou em compreender os fatos, e imagens narradas nas sessões analíticas. A priori ele os chamou de pensamento onírico, o conteúdo oculto do sonho, uma vez lembrado, se tornaria consciente, sobrevivendo cenas primitivas, desejos que estando consciente, seriam proibidos no mundo interno.

Porém, para que possamos manifestar esses desejos, a censura, camuflaria” os desejos alucinados, manifestando-os em um conteúdo aceitável. Para que isso ocorra o inconsciente utiliza, como ferramentas a condensação, o deslocamento, a simbolização.

Na condensação alguns perfis e sentimentos diferentes são sintetizados em apenas uma única imagem ou palavra; ou é um pensamento inconsciente manifesto de forma fragmentada. Segundo Garcia-Roza (2008), “a condensação designa o mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho aparece como uma versão abreviada dos pensamentos latentes” (p. 92). Sendo assim, o deslocamento cumpre a função de inserir o conteúdo latente, atuando “pela troca de um elemento latente por um mais remoto que atue em relação ao primeiro como uma simples alusão” (p. 94).

Sendo assim, os desejos inconscientes convertem-se em irreconhecíveis para o consciente, permitindo, geralmente, si recorda o sonho ao despertar. Através da condensação e o deslocamento, a elaboração onírica, transforma o sonho latente em

manifesto, por meio da figurabilidade: imagens e ou de palavras e signos. Levando o sonho que traduz o pensamento a ser uma escrita pictográfica, escrita sob a forma de imagens. Segundo Garcia-Roza (2008), “é graças à linguagem que o homem é capaz de simbolizar, entendendo-se por isto a capacidade que ele possui de estabelecer uma relação entre o real e o signo, este último entendido como um representante do real” (p. 117).

No trabalho dos sonhos, o que a censura tenta fazer é representar o conteúdo inconsciente em uma imagem ou palavra real, algo que tenha significação cultural. De modo que é preciso encontrar a relação entre símbolo e simbolizado, como define Laplanche e Pontalis (1983).

O simbolismo, segundo Laplanche e Pontalis (1983), em sentido restrito, é compreendido pela representação que se distingue pela constância da relação símbolo e simbolizado. Sendo assim, o símbolo, é o responsável por fazer a transição entre o concreto e o abstrato, ou entre objeto real à sua significação subjetiva.

Assinala Freud, “A técnica dos símbolos suplementa a técnica associativa e produz resultados que apenas possuem utilidade quando subordinada a esta” (FREUD, 1915,1916, p.153).

Em meados de 1895, Freud ao tratar uma analisante por nome Irma, observa que o tratamento dado a ela, não estava trazendo o êxito desejado. Ao visitá-lo, o Otto, seu colega, que, esteve com a Irma recentemente, relata a sua melhora, porém, não completamente, fato que irrita o Freud. No mesmo dia ele relata o histórico clínico de Irma para envio ao Dr. M. À noite, Freud sonha, conforme transcrição:

(Sonho de 23/24 de Julho de 1895). Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas,

que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.) ... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.” ... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres) ... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa. (FREUD, 1996, p.102,103).

Ele mesmo intitulou esse sonho como: “sonho da injeção de Irma”, nele é observado alguns aspectos insítricos: o desejo do sonhador; A vingança de Freud frente a Otto; acusação à Irma por sua condição; aspectos causados pelo desejo que motivou o sonho: o de não receber a culpa pela doença de Irma. Freud relata:

Se adotarmos o método de interpretação de sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades. Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo. (FREUD, 1996, p.114).

De acordo com o que propõe o artigo, o trecho supracitado acima, permite um corte epistêmico: o sonho passa a ter um valor racional e origem interna, (do próprio sujeito), deixando de ter valor irracional e origem externa, (por intervenção divina ou demoníaca), voltado a um desejo latente do sujeito. Freud (1996) introduz o conceito de que o sonho é portador de um sentido, assim interpreta-lo, implica em atribuir a ele um significado.

Nos capítulos III e IV, após reconhecer que o sonho tem um sentido e que trata-se da realização de um desejo do sonhador, Freud (1996) se depara com alguns questionamentos sobre a origem do material encontrado nos sonhos e pelo significado dos sonhos angustiantes, como seria explicar, que estes últimos conteúdos oníricos representariam a realização de um desejo?



Ao passo que vai-se criando sistematicamente sua epistemologia, Freud (1996), dá respostas a essas objeções, sob o prisma da distinção entre o “conteúdo manifesto” e “conteúdo latente” nos sonhos. O conteúdo manifesto do sonho é como uma explicação do conteúdo latente. Já o conteúdo latente é algo estático, em que seu conteúdo está fixado no passado. Então, ainda que o conteúdo manifesto seja nefasto, é provável que, após sua interpretação, o conteúdo latente se apresente como um desejo. Isso leva a pensar que os sonhos seguem um protocolo, de ser traduzida uma realidade psíquica em uma realidade que falta, (está oculta) ao sujeito. Sendo assim o sonho é o desejo que precisa ser esclarecido, pois caso contrário perturba o psiquismo do sonhador.

A observação do sonho da injeção de Irma Freud (1996) narra também o trabalho feito pelos sonhos, que estrutura a epistemologia freudiana dos sonhos, como a “condensação”, que é o trabalho onírico de misturar vários afetos inconscientes, para que possam se fundir em um panorama geral. Através desse mecanismo é possível convergir várias imagens, pessoas, palavras, misturar nomes, etc. Segundo Freud:

Nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar “Irma” apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de “Irma”, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferi para *ela*, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me *delas*. (FREUD, 1996, p.250).

O trabalho onírico de “deslocamento”, acontece quando a energia do conteúdo manifesto se desloca. Esse fenômeno faz o material principal do sonho se desfocar de contexto, se mostrando como algo irrelevante. Assim ocorre a transferência de um conteúdo com fortes representações para um de fraca representação, Freud retrata:

Portanto parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas* no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. (FREUD, 1996, p.262).

A “figurabilidade” é o trabalho onírico em que transforma um som, uma palavra,

um gesto em imagem, ou vice-versa. No sonho “Um sonho encantador”, Freud (1996).

Conforme, Freud argumenta:

Ao repetir para mim o conteúdo do sonho, o paciente evitara dizer que seu irmão estava lá em cima e ele próprio, “no andar térreo”. Esse relato teria exposto a situação com demasiada clareza, uma vez que, aqui em Viena, quando dizemos que alguém está “*no andar térreo*”, queremos dizer que perdeu seu dinheiro e sua posição – em outras palavras, que “*desceu na vida*”. Ora, devia haver uma razão para que parte desse trecho do sonho fosse representada por seu *inverso*. (FREUD, 1996, p.196).

Dos fatos diurnos e vivências cotidianas, vem os elementos dos sonhos que formulam o desejo alucinado do sonhador; deslocando-se e condensando-se a seus afetos e manifestações. Daqui acontece um forte trabalho onírico e por tabela o corte epistemológico no sonho de fato. O conteúdo latente é traduzido, segundo Freud:

Em outras palavras, os estímulos que surgem durante o sono são os conhecidos “restos diurnos” psíquicos. Essa combinação não *precisa* ocorrer; como já assinali, há mais de uma maneira de reagir a um estímulo somático durante o sono. Quando ela *efetivamente* ocorre, isso significa que foi possível encontrar, para servir de conteúdo do sonho, um material de representações de tal ordem que é capaz de representar ambos os tipos de fontes do sonho: a somática e a psíquica. (FREUD, 1996, p.157).

No sentido de conceituar a epistemologia, Freud (1996) cria uma hipótese metapsicológica: o “aparelho psíquico”, em três aspectos: dinâmico, econômico e topográfico.

Dinâmico: compreende a energia psíquica constante, que procura a satisfação de seu desejo – como o sonho é a realização de um desejo é preciso existir uma energia que faça a descarga ou satisfação.

Econômico: compreende o dispêndio de energia psíquica, usada nos processos mentais, sua distribuição da energia pulsional em mobilidade, no trabalho do sonho advém um desvio de energia de uma representação para outra, e uma condensação desses.

Topográfico compreende na adjunção de três sistemas no psiquismo: o consciente, pré-consciente e inconsciente.

Esse aparelho psíquico (Freud, 1996) possibilita uma tentativa de melhor compreensão acerca da ideia de localidade, nomeando em instâncias e uma correlação entre elas. Dessa forma o aparelho psíquico passa a ficar chamado de modelo topográfico. Freud (1996) introduziu a hipótese de um aparelho psíquico, localizado e

organizado na psique humana.

A dica do capítulo 7º do livro “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1996), é definir o esquema do aparelho psíquico e a metapsicologia. Se limitando a esquemas de percepção e memória. Nele a memória mantém o conteúdo das percepções, sendo associado mediante determinadas leis. A memória atua tipo uma conexão associativa, interligando varios registros por associação. Ao passo que, quando registradas, transformam as percepções em traços mnêmicos ou memórias.

Freud (1996) compara o funcionamento do aparelho psíquico ao de uma câmera fotográfica. O sentido é que, de forma isolada, uma parte não funciona sozinha, é preciso a integração de todas as engrenagens para acontecer a foto; semelhantemente o aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, em sincronia, são responsáveis pelo trabalho em equipe das instâncias, formando os sonhos, Freud relata:

O que nos é apresentado com essas palavras é a ideia de uma *localização* psíquica. Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. (FREUD, 1996, p.132).

De acordo com proposto no artigo, Freud (1996) cria a metapsicologia, desenhando o aparelho psíquico, tendo por base a linearidade, havendo uma sequência no processamento dos elementos, a uma certa direção, partindo dos estímulos e seguindo à extensão motora. A informação passa dos estímulos as extensões motoras, percorrendo os traços mnêmicos.

Partindo desses pontos, Freud (1996) supõe que um sistema na parte frontal do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva, ou registra nenhum traço deles, e, portanto, não tem memória. Há um segundo sistema, que fica por trás dos estímulos perceptivos, que transforma as excitações percebidas em traços permanentes. (FREUD, 1996, p.133).

Freud (1996) considera a existência de diversos traços mnêmicos, onde uma

excitação fixaria diversos de registros diferentes, como ele retrata:

Um exame mais detido nos indicará a necessidade de supormos a existência não de um, mais de diversos elementos *Mnem.*, nos quais uma única excitação, transmitida pelos *Pcpt.*, deixa fixada uma variedade de registros diferentes. O primeiro desses sistemas *Mnem.* Conterá, naturalmente, o registro da associação por *simultaneidade temporal*, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de maneira que um desses sistemas posteriores, por exemplo, registrará relações de similaridade, e assim por diante, no que concerne aos outros. (FREUD, 1996, p.134).

A “barreira” entre as memórias e a ação motora, é o “pré-consciente”, que age como sistema crítico, levantando obstáculos para pensamentos que não foram barrados pela censura. Localizado por trás do sistema crítico há o “inconsciente”, o conteúdo desse sistema não tem acesso à consciência, senão através do processo obrigatório de modificação do pré-consciente.

Ao levar em conta o desejo onírico, Freud (1996), deduz que a força que alavanca a elaboração dos sonhos é oriunda do sistema inconsciente, ou seja ele é o precursor dos sonhos.

Freud (1996), cogita o acontecimento de uma ação regressiva ajuizada pelos registros menêmicos na parte interior do aparelho psíquico. Ele acredita, que a regressão através dos processos oníricos, se trata de um reflexo da resistência psíquica, fazendo oposição ao progresso de um pensamento, seguindo a consciência pela via casual, o que ocorre é uma atração simultânea sobre o mesmo pensamento, devido a uma lembrança de grande força sensorial.

Ao levar em conta o desejo onírico, Freud (1996), deduz que a força que alavanca a elaboração dos sonhos é oriunda do sistema inconsciente, ou seja ele é o precursor dos sonhos.

Freud (1996), cogita o acontecimento de uma ação regressiva ajuizada pelos registros menêmicos na parte interior do aparelho psíquico. Ele acredita, que a regressão através dos processos oníricos, se trata de um reflexo da resistência psíquica, fazendo oposição ao progresso de um pensamento, seguindo a consciência pela via casual, o que ocorre é uma atração simultânea sobre o mesmo pensamento, devido a uma lembrança de grande força sensorial.

Freud (1996) também observa a existência de três tipos de regressão, mas estas se fundem em uma só, conforme descrito:

Convém ainda observar [1] que a regressão desempenha na teoria da formação dos sintomas neuróticos um papel não menos importante que na dos sonhos. Assim, cabe distinguir três tipos de regressão: (a) regressão *tópica*, no sentido do quadro esquemático dos sistemas-y que explicamos atrás; (b) regressão *temporal*, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e (c) regressão *formal*, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva. (FREUD, 1996, p.140).

Assim, o conteúdo latente dos sonhos, são as experiências vivenciadas pelo sonhador, inseridas em sua memória e censuradas no inconsciente. Elas são passadas pelo crivo das censuras e modificações dos outros sistemas por meio do conteúdo manifesto, sendo camuflado pela elaboração onírica, onde os pensamentos latentes são trocados ou deslocados por um conteúdo aceitável. Essa movimentação é feita pela instigação dos resíduos diurnos, que de certa forma desperta na consciência algo referente ao desejo reprimido, estes buscam o momento oportuno, em estado de alerta, para a sua realização. Logo, o sonho é uma formação do inconsciente, então, Freud cadencia sua hipótese metapsicológica, de acordo com o suposto:

Do inconsciente, bem entendido. *É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço.* Segundo indicações provenientes da psicanálise das neuroses, considero que esses desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de se aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última. (FREUD, 1996, p.143).

Ao dormir, o indivíduo abandona a boa parte de suas aquisições psíquicas. Os resquícios diurnos são envolvidos de forma sistemática de forma a chegar ao desejo alucinatório primário, onde ocorre uma espécie de leitura de um conteúdo latente para um manifesto, vindo ao sujeito, (sonhador), percepção de palavras e figurabilidade.

Como é alucinado o desejo inconsciente vem a possível descarga. O trabalho do sonho é reconhecer o desejo do indivíduo e de realizá-lo. Nesse trabalho em que ocorre

um disfarce, é realizado pelo sistema crítico, que impede que tais conteúdos cheguem a consciência sem seu crivo.

A hipótese da metapsicologia permitiu ainda o conceito de realidade psíquica Freud (1996), pois ao olhar para os desejos inconscientes, bem como para toda complexidade do trabalho realizado nos sonhos, se conclui que; a realidade psíquica é uma forma distinta da realidade material, realidade essa que Freud (1996) chamou de inconsciente, sendo a mesma desconhecida quanto a realidade do mundo e incompleta em sua comunicação quanto a consciência, conforme prossegue:

*O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. (FREUD, 1996, p.181).*

A racionalidade apresentada pela psicanálise, através da obra: A interpretação dos sonhos, contribuiu também para a apreensão do inconsciente como objeto de investigações científicas (ASSOUN, 1996), uma vez que a psicologia concentrava seus estudos na consciência, esse objeto estava até então afastado desse campo. E impossível o psiquismo ser estudado pelo viés da consciência, o inconsciente é seu único meio de estudo. O inconsciente só tem efeito, na concepção psicanalítica, enquanto objeto metapsicológico. Essa concepção do inconsciente freudiano, é constituída de propriedades econômicas-dinâmicas, dando a hipótese freudiana sua racionalidade específica. A concepção do inconsciente como objeto metapsicológico, Assoun (1983) provoca sua saída da visão psicológica e filosófica tradicional, que o tomavam apenas do ponto de vista descritivo. A maneira pela qual o inconsciente se manifesta, Assoun (1983) - por não obedecer a ordem racional consciente -, não pode ser apreendida pelos métodos empregados na psicologia, ele exige um método de conhecimento específico para ser apreendido. Portanto a metapsicologia freudiana agrega esse conhecimento e desenvolveu um método de investigação do inconsciente para que esse se manifeste. A obra "A Interpretação dos Sonhos" foi publicada em 1899, com a data 1900 marcando um começo de uma nova ciência. Freud levou dois anos (1898 e 1899) para escrevê-lo e nele edificou os principais fundamentos da teoria psicanalítica, constituindo o ponto de apoio para todo o desenvolvimento posterior de sua obra.

Sua contribuição para a ciência foi incomensurável e pelos princípios estabelecidos na obra, ele constituiu as bases do método psicanalítico; inaugurando um tratamento com base no conteúdo inconsciente das palavras, e materiais ficcionais do indivíduo. Possibilitando a realização de uma terapia humanizada, que dá voz ao doente e capacita o aspirante analista em seu ofício. Tal descoberta, como descrito, levou a possibilidade de um sujeito adoecido psicologicamente ter a possibilidade de uma vida mais saudável.

Os sonhos dão ao sonhador Freud (1996) o conhecimento do passado e nos transportam para o futuro, ao figurar à realização do desejo. Sendo esse futuro moldado pelo desejo à imagem do passado. Freud expõe o valor do conhecimento sobre os sonhos:

E quanto ao valor dos sonhos para nos dar conhecimento do futuro? Naturalmente, isso está fora de cogitação. [Ver em [1].] Mais certo seria dizer, em vez disso, que eles nos dão conhecimento do passado, pois os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. Não obstante, a antiga crença de que os sonhos prevêem o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos de certo nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (SIGMUND, FREUD 1996, p. 186).

## 4 CONCLUSÃO

Ao longo da história da humana, os sonhos, geralmente, foram conceituados como situações externas ao sonhador e desprovidas de valor racional, sendo eles, caracterizados como: mensagens divinas e/ou demoníacas, premonições.

Por meio da epistemologia e metapsicologia freudiana o conceito do conteúdo dos sonhos, passou a ter uma nova percepção, com um viés científico. Freud fundamentou o trabalho produzido pelos sonhos, através do aparelho psíquico; a crítica, a percepção, registros mnêmicos, o material criticado, a condensação, o deslocamento, a figurabilidade, a inversão. Dando enfoque a localidade psíquica dos sistemas, sendo: consciente, pré-consciente e inconsciente.

Nesta perspectiva, constatou-se o corte epistemológico sobre a natureza dos sonhos: origem interna, localização temporal no passado e a realização de um desejo inconsciente, por meio de um articulado aparelho psíquico. O aparelho psíquico metapsicológico foi proposto por Freud, para balizar o trabalho realizado na formação dos sonhos, essa hipótese ajudou também, para o conceito de realidade, sendo essa material, e psíquica; trazendo por tabela o objeto de estudo da psicanálise: o inconsciente, criando um método e aprendizado próprio para o mesmo. Tal saber embasou a clínica psicanalítica e serviu de base para diversas abordagens pós-freudianas.

Sem dúvidas, a obra “A interpretação dos sonhos” demonstrou ser de uma imensa contribuição para a humanidade; propiciando o avanço no campo científico e psicoterapêutico, proporcionando mecanismos ao sujeito de reconhecer o passado, compreender as forças psíquicas de modo organizado, como influenciam suas ações, pensamentos, sentimentos, e a manifestação e realização de seus desejos intrínsecos. Além desse conhecimento proporcionar ao indivíduo uma vida mais equilibrada e saudável.



## 5 REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

\_\_\_\_\_. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

COENE, Lothar. BROWN, Colin. **Novo dicionário internacional de teologia do novo testamento**. Vol. IV: R-Z. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1967.

CUMMING, Barbara. **Egyptian historical record of the later Eighteenth Dynasty Q. WL muster**: Aris & Phillips, 1984.

FERREIRA, Vitor Duarte. **Estudos de epistemologia Aristotélica I: Phantasiae ainsthêsis no de anima de Aristóteles**. São Paulo: Dialética, 2021.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Ed. Standard Brasileira, Volume IV (I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Ed. Standard Brasileira, Volume IV (II). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHMITT, Jean-Claude. **Medioevo “superstizioso”**. Bari: Laterza, 1997.

WATCH TOWER, Bible and tract society of Pennsylvania. **Tradução do novomundo da Bíblia Sagrada**. New York: U.S.A, 2015.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916), parte I e II, vol. XV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.